

EXPERIÊNCIA MÍSTICA EM “MISS ALGRAVE”, DE CLARICE LISPECTOR

Douglas Santana Ariston Sacramento

(UFBA - Doutorado)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
Douglas Santana Ariston Sacramento é doutorando em Estudos Étnicos e Africanos (Pós-Afro/UFBA), do qual é Bolsista CAPES, Mestre em Literatura e Cultura (PPGLitCult/UFBA). Licenciado e Bacharel em Letras Modernas -Inglês pela UFBA. E-mail: douglas.ariston.18@gmail.com

RESUMO	ABSTRACT
Clarice Lispector (1920-1977) é uma escritora que figura o cânone da literatura nacional brasileira. Entre seus escritos, os quais perpassam diversos gêneros literários, destaca-se a sua produção de contos. “Miss Algrave” é um dos contos que compõe a coletânea <i>A via crucis do corpo</i> e retrata sobre, a personagem homônima, uma mulher que vive numa Inglaterra cheia de restrições e moralidades de dogma cristão. Até que, em uma noite de sábado, participa de uma experiência mística marcado pelo erótico com um ser de Saturno, Ixtlan, que lhe tira a virgindade e transforma a vida de Miss Algrave completamente. Assim, o presente artigo empreende uma leitura sobre o conto levando em consideração a ascese vivenciada pela personagem feminina antes da experiência mística e a experiência mística em si. Esta discussão, portanto, é pautada em teóricos que discutem a relação entre literatura e experiência religiosa, ou que estudam sob um viés filosófico a obra clariciana.	Clarice Lispector (1920-1977) is a writer who figures in the canon of Brazilian national literature. Among her writings, which permeate some literary genres, her production with short stories stands out. “Miss Algrave” is one of those short stories that make up the collection <i>A via crucis do corpo</i> , and portrays the homonymous character, a woman who lives in an England full of restrictions and moralities of Christian dogma. Until, one Saturday night, she has a mystical experience marked by the erotic, with a being from Saturn, Ixtlan, who takes her virginity and transforms Miss Algrave's life completely. Thus, this article undertakes a reading of the short story considering the asceticism experienced by the female character before the mystical experience and the mystical experience itself. Therefore, this discussion is based on theorists who discuss the relationship between literature and religious experience or who study Clarice's work from a philosophical point of view.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Ascese; Clarice Lispector; Experiência Mística; Miss Algrave; Religião	Asceticism; Clarice Lispector; Mystical Experience; Miss Algrave; Religion

INTRODUÇÃO: CLARICE, BRUXARIA E MAGIA

No cenário da literatura brasileira, a escritora ucraniana, radicada no Brasil, Clarice Lispector se destaca por ser muito estudada dentro dos cursos de Letras, além de ser lida dentro e fora das universidades. Para além disso, as frases da escritora, com forte teor existencialista, causam impacto e ganham as redes sociais.

Dentro da sua vasta produção literária – que contém romances, contos, crônicas e cartas –, Clarice Lispector sempre traz um teor hermenêutico em suas obras. A autora é famosa por utilizar metáforas e imagens complexas, fora o fluxo de consciência. Desse modo, em 1975, durante o Primeiro Congresso de Bruxaria de Bogotá, Lispector menciona a existência de uma relação entre literatura e magia:

[...] A mágica em relação ao que se escreve chama atenção para a palavra “inspiração”. Como explicar a inspiração? Às vezes, no meio da noite, dormindo um sono profundo, eu acordo de repente, anoto uma frase cheia de palavras novas, depois volto a dormir como se nada tivesse acontecido. Escrever, e falo de escrever de verdade, é completamente mágico. As palavras vêm de lugares tão distantes dentro de mim que parecem ter sido pensadas por desconhecidos, e não por mim mesma (LISPECTOR, 2005, p. 124).

A citação é retirada do texto “Literatura e magia” e não foi referenciada em vão. Ao construir o texto, preparado especialmente para o Congresso de Bruxaria, na versão original, Lispector menciona o conto “O ovo e a galinha”, de sua autoria, afirmando como misterioso até para si mesma e dotado de uma simbologia secreta (LISPECTOR, 2005). No conto, a autora exemplifica a relação entre as duas temáticas – literatura e magia.

Ainda sobre o texto apresentado no Congresso de Bruxaria, Clarice Lispector confessa que já havia passado por experiências e situações que ela não sabia explicar, e exemplifica com a recorrência de pombos em determinado período de sua vida:

[...] Cheguei ao consultório do meu amigo e contei para ele aquela história dos pombos desde o início. E perguntei, qual o significado dessas coisas estranhas? Ele respondeu sorrindo, coisas boas não precisam de explicação. E disse mais, quer que eu lhe dê uma pena de pombo? Eu disse, claro que sim, se tiver uma. Ele se abaixou, pegou uma pena no chão e me deu. Ainda sem comentários (LISPECTOR, 2005, p. 123).

Essas temáticas que fogem da tradição literária nacional são discutidas pela pesquisadora Cristiane Silva (2004), no texto “Inferno simbólico ou Macabeia”, cuja premissa primordial é compreender como a literatura clariciana narra a nação, mas realizando um movimento de ir contra a maré dos autores canônicos brasileiros.

Silva (2004) compreende que Clarice Lispector trata do Brasil e da nação, mas

trazendo uma forma particular de entender esse assunto, modificando a forma e a estética de como se narra o país. Assim, temas e personagens possuem um teor filosófico e psicológico proveniente do estilo do labor literário da escritora, visto que:

[...] a obra de Clarice não só revelaria sua atenção para com a “realidade” histórica, mas, ainda, o potencial de sua firma particular e subversiva de inserção na mesma, capaz de garantir seu lugar léguas distante de qualquer absenteísmo metafísico alienado e alienante (SILVA, 2004, p, 113).

Por isso, Silva (2004) acredita que, por meio da particularidade e subversão de sua escrita, Clarice Lispector traz à tona o contemporâneo. Isso ocorre quando a autora, por meio de um *modus operandi* de labor literário, decide falar sobre uma retirante nordestina – Macabéa – e, para isso, faz uso de um autor – Rodrigo S.M. Assim, para Cristiane Silva (2004), *A hora da estrela* acaba sendo uma obra contemporânea, pois explana sobre Macabéa, ficcionaliza a figura do autor e fala sobre a construção da narrativa – sendo, portanto, uma ação metalinguística.

Macabéa, nesse mesmo diapasão – que diz respeito à possibilidade de ser lida como um símbolo – é mais que a fina flor, já que ao mesmo tempo incorpora e crítica a tarefa que lhe é atribuída. É justamente nesse duplo movimento – de identificação com o coletivo que deveria representar a sua desestabilização – que transita a personagem (SILVA, 2004, p, 118).

Logo, por meio dos assuntos levantados pela autora, retratando uma coletividade de forma particular, é que este artigo tem como tema a experiência mística. O tema será aplicado numa leitura do conto “Miss Algrave”, contido no livro *A via crucis do corpo*. O contexto dessa coletânea de contos destoa de outras obras de Clarice Lispector pela temática erótica contida dentro das narrativas.

Segundo o biógrafo Benjamin Moser (2011), *A via crucis do corpo* foi um livro que começou como um pedido do editor para que Clarice escrevesse três contos baseados em fatos reais. Um desses contos foi “Miss Algrave”, pois durante aquele período havia saído uma notícia sobre uma mulher que dizia ter transado com um extraterrestre. Assim, os contos de Clarice Lispector nessa coletânea vêm de uma premissa abordando o erótico, a morte e outros temas transgressores.

O livro [*A via crucis do corpo*] é desafiador e desbragadamente sexual, de um modo que Clarice nunca fora antes e nunca voltaria a ser. Em suas oitenta e poucas páginas encontramos um[a] travesti, uma stripper, uma freira tarada, uma mulher de sessenta anos com um amante adolescente, um casal de lésbicas assassinas, uma velha que se masturba e uma secretária inglesa que tem um coito extático com um ser de Saturno (MOSER, 2011, p. 589).

Além disso, é importante salientar que o livro está inserido dentro das publicações de 1974 – ano marcado pela publicação de outros dois livros: *A vida íntima de Laura* e *Onde estivestes de noite?* Para Moser (2011), essas obras caracterizam uma fase mística da autora, demarcada por experiências envolvendo o misticismo dentro de casa e com amigos, e que culmina com a ida ao Congresso de Bruxaria no ano seguinte.

Portanto, o foco de análise deste artigo é “Miss Algrave”, conto que retrata a história de Ruth Algrave, mulher que mora na Inglaterra e tem uma vida cheia de regras e barreiras colocadas pelo viés cristão – discurso que ali está contido e abarca o corpo da protagonista. Miss Algrave não come carne, não bebe, não assiste à televisão (por causa das cenas sexuais) e só toma banho uma vez na semana (vestindo as roupas íntimas, para não ter contato com o próprio corpo).

Até que uma noite, um ser de Saturno vai ao encontro de Miss Algrave. Ixtlan, o ser extraterrestre, transa com a protagonista; um encontro que ela não sabe se é real ou sonho. Esse contato rompe as barreiras de Miss Algrave, que se apaixona pelo ser saturnino, e espera ansiosamente pelo próximo encontro que ocorrerá na lua cheia posterior. Entre outras coisas, esse encontro muda a vida de Ruth Algrave. Ela passa a comer carne, beber e até mesmo se prostituir – para vivenciar novamente o sexo transcendental que tivera com o ser extraterrestre.

Assim sendo, este artigo faz um percurso de leitura sobre o conto clariciano. Em um primeiro momento, esboçarei sobre a ascese que Miss Algrave vive até a experiência mística com Ixtlan e como isso é importante para que a experiência, de fato, ocorra. Também analisarei a mudança que ocorre com a protagonista durante o conto, e para isso utilizarei teorias do teórico francês Georges Bataille (2016; 2017) e suas elucubrações sobre erotismo e experiência interior.

1 MISS ALGRAVE: ORANDO E JEJUANDO

Quando se faz a leitura de “Miss Algrave”, percebe-se que alguns momentos constitutivos da narrativa acontecem no período de lua cheia: antes da experiência mística (de sexta até sábado à noite); durante a experiência mística com Ixtlan (no sábado noite); e após a experiência. Assim, nesse primeiro momento, é necessário focar no antes do acontecimento místico, entendendo que Ruth Algrave, ao viver a partir de várias restrições, construiu um caminho para o místico surgir em sua vida.

Começo com uma citação bíblica de Paulo, um dos discípulos de Jesus, que explana sobre a importância do celibato para alcançar a imortalidade. Para o apóstolo, a relação sexual deveria ser consumada após o casamento, e, caso não houvesse cerimônia

matrimonial, o sujeito deveria permanecer puro e sem pecado, voltado para Deus:

[...] O homem que não é casado preocupa-se com as coisas do Senhor, em como agradar ao Senhor. Mas o homem casado preocupa-se com as coisas deste mundo, em como agradar sua mulher, e está dividido. Tanto a mulher não casada como a virgem preocupam-se com as coisas do Senhor, para serem santas no corpo e no espírito (BÍBLIA, 2017, p. 1012).

Então, percebe-se com o veículo bíblico que o sujeito cristão deve estar em constante adoração e a serviço do divino. Mesmo quando casado, a atenção precisa ser dividida entre o cônjuge e o deus cristão. Miss Algrave, desse modo, encaixa-se nessa figura de serva do senhor, pois ela é “solteira, é claro, virgem, é claro” (LISPECTOR, 2016, p. 529). E a personagem estaria na tentativa de alçar as categorias de santidade de corpo e espírito, como aponta o apóstolo Paulo. Assim, Miss Algrave tem uma série de restrições para permanecer nesse local de pureza. Para isso, a teoria teológica denomina de ascese as práticas de sujeitos religiosos que estariam relacionadas a uma purificação de corpo e, consequentemente, de espírito.

Marcus Reis Pinheiro (2020), ao associar as teorias da linguagem e características da ascese nas obras de Orígenes – filósofo que estaria situado na mudança do pensamento grego para o cristão –, diz que este acreditava que a experiência mística só ocorreria quando o sujeito tivesse uma vivência e um entendimento aprofundado da Bíblia:

[...] podemos dizer que Orígenes defende um dualismo antropológico e linguístico, sendo que para se acessar a dimensão espiritual da escrita, o homem deve exercer um trabalho (*áskesis*) sobre si mesmo. É necessária uma purificação pessoal para ir além da compressão da letra do texto sagrado e alcançar a compreensão profunda (PINHEIRO, 2020, p. 31).

Assim, para Orígenes, deveria haver uma adequação da palavra sagrada para cada tipo de homem e elevar esse nível com base na mudança pela qual o sujeito passa ao ter contato com a palavra sagrada. Sendo, portanto, perceptível uma escada para alcançar a purificação pessoal.

Portanto, as restrições de prazeres praticadas por Miss Algrave viram uma rotina diária, a exemplo de tomar banho “uma vez na semana, no sábado. Para não ver seu corpo nu, não tirava nem as calcinhas nem o sutiã” (LISPECTOR, 2016, p. 530). Rezava, cantava no coral e lia a Bíblia constantemente, não comia carne, e evitava assistir à televisão. Em verdade, assistia poucas vezes, por causa das cenas com beijos, o que sempre lhe causava uma reação de mudança, ao ponto de escrever para o jornal, criticando a imoralidade presente na sociedade. Fora o medo que possuía de se contaminar com os seres invisíveis das ondas televisivas. Assim,

[...] Nem tinha televisão. Por dois motivos: faltava-lhe dinheiro e não queria ficar vendo as imoralidades que apareciam na tela. Na televisão de Mrs. Cabot vira um homem beijando uma mulher na boca. E isso sem falar no perigo da transmissão de micróbios. Ah, se pudesse escreveria todos os dias uma carta de protesto para o *Time*. Mas não adiantava protestar, ao que parecia. A falta de vergonha estava no ar (LISPECTOR, 2016, p. 531).

Como pode ser observado, Miss Algrave, com sua rotina de privações dos prazeres da carne, priorizava pelo afastamento das imoralidades. Ou, mais precisamente, trazendo um dos conselhos do apóstolo Paulo, ela evitava os perigos da imoralidade, vide 1 Co. 6,13-15:

“Os alimentos foram feitos para o estômago e o estômago para os alimentos”, mas Deus destruíra ambos. O corpo, porém, não é para a imoralidade, mas para o Senhor, e o Senhor para o corpo. [...] Vocês não sabem que os seus corpos são membros de Cristo? (BÍBLIA, 2017, p. 1011).

Fica perceptível, portanto, a imposição de uma limpeza do corpo para uma elevação espiritual. Ao evitar a imoralidade, Ruth Algrave estava se aproximando do divino, como compreende a ascese pontuada por Orígenes (PINHEIRO, 2020). A protagonista do conto clariciano estava no grau elevado de entendimento da Bíblia no qual o sujeito aplica os dogmas cristãos presentificando no seu dia a dia. As restrições da carne a aproximam de Deus e de uma vida imortal no paraíso, pois se entende que aquele corpo é uma extensão do divino, ou seja, havia um celibato que não estava apenas na restrição de sexo antes do casamento. Miss Algrave representa, nesse primeiro momento, a boa e fiel cristã.

Contudo, essa vida baseada em cortes e restrições sempre a coloca no discurso da solidão; Ruth Algrave é uma mulher solitária. E, no meio desse contexto religioso, ocorre a experiência mística que transformará a protagonista e o seu entendimento sobre o divino e sobre as limitações que praticava.

2 MISS ALGRAVE: MÍSTICA E EROTISMO

Ao começar a analisar a experiência mística que demarca a mudança na protagonista do conto, é preciso trazer à tona a ambientação dessa experiência, afinal, a noite é um elemento importante para compreender como essa personagem clariciano está aberta a essa experimentação.

A filósofa Marcia Schuback (2022) escreve sobre a relação estreita e em diálogo entre as obras de Clarice Lispector e a filosofia, apontando como o pensamento está

representado na produção literária da escritora. Em seu estudo, Schuback (2022) realiza uma análise dos romances *Água Viva* e *A paixão segundo G.H.*, e relata como algumas personagens claricianas vivem o extremo e o tudo, sendo narradas em um fluxo de consciência contínuo.

[...] A clareza com que Clarice vê o claro não deve ser confundida com uma filosofia, embora esteja tão próxima do que nos habituamos a chamar de filosofia, como a vida está próxima da morte a cada instante. Clarice é uma autora que provoca a filosofia (SCHUBACK, 2022, p. 13).

Schuback (2022, p. 46) também explana sobre o conceito denominado “atrás do pensamento” que, em consonância com as teorias de Platão e Pascal, consiste em como as personagens presentes nas obras de Clarice Lispector convivem constantemente com o não-saber, ou seja, como o fato de não saber o que está acontecendo vira uma mola propulsora de existência. Resultando, assim, num modo de pensar diferenciado, pois traz à tona que esse não-saber é um pensamento que está atrás do pensamento, algo recalcado que se esconde atrás das barreiras do pensamento.

Desse modo, as personagens claricianas acabam se entregando ao desconhecido e vivenciando situações limites dentro do escopo narrativo. As personagens atravessam uma grande noite com todas as surpresas que o noturno traz consigo, pois “[...] entregar-se totalmente ao não-saber significa, porém, entregar-se à escuridão da noite, ver a luz singular da noite. [...] A entrega total ao não-saber corresponde a aprender a ver, sentir e pensar como a noite (SCHUBACK, 2022, p. 50-51).

A experiência mística acontece à noite, pois é nessa hora que aquilo que está recalcado vem à luz, ou melhor, o que está escondido nas brumas noturnas aparece em forma de vultos e aparições, fazendo com que a personagem fique suscetível para vivenciar o novo. O que acaba ocorrendo com Miss Algrave e sua relação sexual com o ser de Saturno, Ixtlan.

Marcia Schuback (2022, p. 51) continua sua explicação sobre a experiência do não-saber e sua relação com a noite, e alinha um operador de leitura denominado “fenomenologia da noite”, o qual é regido pelo princípio noturno e no qual a confusão se faz presente, pois o sujeito acaba se distanciando dos dogmas e regras que o princípio diurno organiza. Logo, existe uma abertura para o outro e para o que não é possível ordenar, compreender e/ou encaixotar. Durante a noite,

[...] não é mais possível distinguir diferenças, ao menos não no modo da visão de olhos abertos. A noite se oferece como âmbito do indiferenciado; das confusões e fusões; da obscuridade das intimidades eróticas do cosmo. Nela, nos perdemos de nós. [...] Na noite, ver é tatear e descobrir o movimento do escuro (SCHUBACK, 2022, p. 52-53).

Assim, quando Miss Algrave toma seu rotineiro chá de jasmim, na noite de sábado na qual ocorre seu encontro com Ixtlan, é “singular. Singular por quê? Não sabia” (LISPECTOR, 2016, p. 531). Existe uma diferença, marcada já pela dúvida, de que algo não estava mais na caixinha de regras e dogmas unificadores e ordenadores do dia.

Para além disso, existe uma certeza que acomete a protagonista do conto: a certeza da solidão que “a esmagava” (LISPECTOR, 2016, p. 531). Afinal, Miss Algrave só tinha Mrs. Cabot para conversar, e a certeza da solidão, vista como um problema, é modificada quando se pensa na possibilidade de ter alguém e de ter relações sexuais com esse sujeito.

Portanto, é importante compreender o caminho que desemboca na noite de sábado. Ruth Algrave com suas regras e preceitos religiosos pela manhã; e Miss Algrave, durante a noite, pensando e se questionando como uma mulher solitária na Inglaterra. Para Schuback (2022), essa mudança e esse questionamento são constitutivos do noturno, pois:

[...] poderia-se dizer que a noite é esse dentro inteiramente exposto, como uma ferida aberta. [...] **Pois quem pode iluminar a escuridão da noite ou penetrar a escuridão do corpo sem ferir a noite ou invadir o corpo?** [...] só o corpo sabe do que se passa de noite, e por isso ver cegamente é ver com o corpo todo (SCHUBACK, 2022, p. 59, grifo nosso).

Por meio do questionamento exposto por Schuback (2022), Ixtlan surge para Miss Algrave. A iluminação da escuridão da vida da protagonista ocorre por meio dessa experiência mística. Assim, é importante compreender como o místico se apresenta e é definido pelo filósofo francês Georges Bataille (2016). Portanto, com base numa experiência mística, ele compreende que existe um duplo movimento: “o movimento do pensar se perdia por inteiro, mas por inteiro de encontrava, num ponto onde ri a multidão unânime” (BATAILLE, 2016, p. 29).

Assim sendo, a experiência resulta numa separação entre os sujeitos. O primeiro está ligado às normas e postulados de regulação do pensamento; o outro, por sua vez, por conta do contato com o divino, ri, ou seja, este segundo compreende outras formas de entender-se no mundo, tendo como ponto de mudança a experiência interior¹.

Entendo por **experiência interior** aquilo que habitualmente se nomeia de **experiência mística**: os estados de êxtase, de arrebatamento ou menos de emoção meditada. Mas penso menos na experiência confessional, a que os místicos se ativeram até aqui, do que numa experiência nua, livre de amarras, e mesmo de origem, que a prendam a qualquer confissão que seja. Por isso não gosto da palavra mística (BATAILLE, 2016, p. 33, grifo do autor).

¹ Para Bataille (2016), a experiência mística é sinônimo da experiência interior. Contudo, os postulados da denominada *Suma Ateológica* desenham características que estão inseridas dentro dessa experiência.

O arrebatamento e o êxtase, provenientes desse contato com o divino, colocam o sujeito no lugar “do não-saber” (BATAILLE, 2016, p. 33)², pois ele está diante daquilo que não conhece, e, por isso, as experiências interiores são de difícil entendimento. O sujeito estaria num jogo de ambivalência afetiva que custa a compreender. Assim sendo,

[...] considero a apreensão de Deus, ainda que sem forma e sem modo (sua visão “intelectual” e não sensível), uma parada no movimento que nos leva à apreensão mais obscura do **desconhecido**: de uma presença em nada mais se distingue de uma ausência (BATAILLE, 2016, p. 35, grifo do autor).

A apreensão do desconhecido mencionada por Bataille (2016) fica ainda mais evidente no diálogo que inicia a experiência de Ruth Algrave, quando a personagem questiona quem é esse ser que entrou em seu quarto, uma presença é invisível.

-Quem é?

E a resposta veio em forma de vento:

- Eu sou um eu.

- Quem é você? Perguntou trêmula.

- **Vim de Saturno para amar você** (LISPECTOR, 2016, p. 532, grifo nosso).

Nesse primeiro momento de conversa, o ser de Saturno já diz a intencionalidade do encontro. E, assim, temos uma experiência interior atrelada ao erótico – que é também um tema abordado por Bataille (2017). Para o autor, o erotismo demarca uma necessidade do sujeito de sentir a morte – que teria como marco inicial a reprodução sexuada – com o ato violento que culmina no gozo.

Para além disso, o erotismo ganha uma conotação discursiva dentro da sociedade, a partir dos interditos propostos pelos dogmas de cunho cristão, resultando no que Bataille (2017) denomina de transgressões aos interditos. Na experiência interior, a faceta erótica foge das redes da consciência, pois ocorre a quebra dessas leis que o sujeito constrói em si.

[...] **A experiência interior do erotismo exige daquele que a faz uma**

² Percebe-se que existe uma relação entre os conceitos explanados por Marcia Schuback (2022) e Georges Bataille (2016). Cabe ressaltar que Schuback (2022, p. 99) aponta que em seus estudos não faz uma aproximação entre Clarice Lispector e as teorias de Bataille, apontando numa nota tímida de rodapé o motivo de tal escolha: “Não caberia trazer Clarice para a proximidade de uma suma ateológica à la Georges Bataille, embora alguns “temas” permitam associações, como o grotesco e o informe, pois mais do que achar provas de que Bataille é como Clarice é Clarice como Bataille. Seria apenas uma batalha perdida querer se apropriar do apropriável de um e do outro”. Isto posto, compreendo que não é uma batalha perdida, mas uma batalha que só tem ganhadores. Apontar similitudes e diálogos é uma benesse para a fortuna crítica de ambos, entendendo, portanto, que a literatura permite esses diálogos entre áreas, o que enriquece o campo literário, e que está no bojo da historiografia das teorias sobre estudos literários, como apontam Hoisel (2000); Esteves (2010) Souza (1995).

sensibilidade não menor à angústia que funda do que ao desejo que leva a infringi-lo. É a sensibilidade religiosa que liga estreitamente o desejo e o pavor, o prazer intenso e a angústia (BATAILLE, 2016, p. 62, grifo do autor).

Assim, a experiência de Miss Algrave ganha novas cores e novos movimentos, pois está atrelada com um interdito praticado cotidianamente pela personagem. E isso está exemplificado nas imoralidades que ela não consegue ver na televisão, o que a faz escrever cartas de repúdio para o jornal britânico *Time*. Portanto, o contato da protagonista com Ixtlan quebra essas verdades.

Ele disse:

- Tire a roupa.

Ela tirou a camisola. A lua estava enorme dentro do quarto. Ixtlan era branco e pequeno. Deitou-se ao seu lado na cama de ferro. E passou as mãos pelos seus seios. Rosas negras (LISPECTOR, 2016, p. 533).

Outro ponto importante para entender esse ato de transgressão ocorre a partir da voz e da escuta de Miss Algrave em relação a Ixtlan. O ser saturnino se materializa para a protagonista e tem sua caracterização revelada da seguinte maneira:

[...] Seu contato era frio como o de uma lagartixa, dava-lhe calafrios. Ixtlan tinha sobre a cabeça uma coroa de cobras entrelaçadas, mansas pelo terror de poder morrer. O manto que cobria o seu corpo era da mais sofrida cor roxa, era ouro mau e púrpura coagulada (LISPECTOR, 2016, p. 533).

Essa imagem de Ixtlan determina qual tipo de desconhecido está ali entrando em contato com Miss Algrave. Ixtlan é um ser que, desde a sua apresentação, demarca que a transgressão é um fruto que o sujeito terá ao entrar em contato com ele. Primeiro, temos as cobras que estão na cabeça do ser de Saturno, e que remetem ao pecado primordial – quando Eva come o fruto proibido no Paraíso – ao ouvir uma cobra. Logo, compreende-se que esse sujeito remete a práticas transgressoras.

Em segundo lugar, as referências de cores estão voltadas para a transmutação e mudança por contato profundo com outros sujeitos. A paleta de cores roxa e púrpura tem uma adjetivação negativa – “sofrida” e “coagulada” –, referindo-se a todos os atos de outrora praticados pelo ser desconhecido. Logo, Ixtlan instaura um novo modo de ser e estar no mundo para Miss Algrave. O que era interdito deixa de ter a carga cristã de pecado, o que é retificado pela protagonista quando amanhece após a noite transcendental e orgástica:

Ela o amava e ia esperar ardentemente pela nova lua cheia. Não quis tomar banho para não tirar de si o gosto de Ixtlan. **Como não fora pecado e sim uma delícia.**

Não queria mais escrever nenhuma carta de protesto: não protestava mais.
E não foi à igreja. Era mulher realizada. Tinha marido. (LISPECTOR, 2016, p. 534, grifo nosso).

Essa mudança só é possível, como aponta Bataille (2016), por causa do êxtase que a experiência interior proporciona, ou seja, há um conhecimento apreendido dentro desse momento de contato com o não-saber do desconhecido. Há, assim, uma possibilidade de inversão de valores e dogmas:

[...] o êxtase só permanece possível na angústia do êxtase, no fato de que pode ser satisfação, **saber apreendido**. [...] o êxtase é antes de tudo **saber apreendido** [...] o extremo do saber está ali (e o extremo do saber a que me refiro está além do saber absoluto), acontece o mesmo que no saber absoluto, tudo se inverte (BATAILLE, 2016, p. 86, grifo do autor).

Essa angústia do êxtase e que permanece após a experiência, como é explicado por Bataille (2016), é vivenciada por Miss Algrave quando existe uma incerteza sobre o retorno de Ixtlan na próxima lua cheia. Existe uma angústia da espera e da possibilidade de vivência do êxtase novamente. Desse modo, a protagonista tem que viver com substituições dessa falta – como tocar a si própria, como pede Ixtlan; ou quando decide viver de sexo e se prostituir, pois compreende que é boa de cama. Essas são formas de tentar viver o prazer máximo mais uma vez, o que Bataille (2016, p. 72) salienta que dá um novo sentido para a vida, pois no “extremo do possível, tudo desaba: o próprio edifício da razão”.

3 CONCLUSÃO

Este artigo realizou uma leitura do conto “Miss Algrave”, de Clarice Lispector (2016), presente no livro *A via crucis do corpo*. Conto que está inserido em um livro de sobre a temática do corpo, e o estudado retrata o erótico pelo viés da experiência mística, da qual é experienciada pela protagonista – intitulada no título – e a ser de Saturno, extraterrestre e divino.

As explanações e chaves interpretativas estão pautadas em dois momentos contidos na narrativa. Primeiro, o que ocorre antes da experiência mística, aqui tratada por *experiência interior*, e que tem como base as teorias de Georges Bataille (2016; 2017), visto que a protagonista vive uma ascese pautada no discurso religioso cristão.

No segundo momento, compreendendo que houve uma purificação dessa alma por conta de uma prática cheia de interditos, ocorre a experiência mística com Ixtlan, um ser de Saturno. Essa relação entre Miss Algrave e Ixtlan, de apenas uma noite, é marcada pelo erótico pela perda da virgindade da protagonista.

Assim, compreende-se uma possibilidade de leitura entre a literatura e o viés religioso. Salientando que a própria Clarice Lispector (2005; 2016) afirma que o transcendental está mesclado em suas obras – existindo algo místico, bruxo e mágico – e que aqui é indicado pela leitura do conto “Miss Algrave”.

REFERÊNCIAS

- BATAILLE, G. **A experiência interior**: seguida de Método de Meditação e *Postscriptum* 1953. Tradução, apresentação e organização de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- BATAILLE, G. **O erotismo**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.
- ESTEVES, R. Literatura e cultura. In: ALVES, P.C. **Cultura**: múltiplas leituras. Bauru, SP: EDUSC / Salvador: EDUFBA, 2010.
- HOISEL, E. Novos rumos: e a Teoria da Literatura? **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, v. 25-26, p. 215-231, 2000.
- LISPECTOR, C. Literatura e Magia. In: LISPECTOR, C. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- LISPECTOR, C. Miss Algrave. In: LISPECTOR, C. **Todos os contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- MOSER, B. **Clarice, uma biografia**. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- PINHEIRO, M. R. Orígenes: A teoria da Linguagem. In: PINHEIRO, M. R.; BINGEMER, M. C.; CAPPELLI, M. (Org.). **Mística e ascese**: da tradição platônica à contemporaneidade. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio / Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- SCHUBACK, M. C. **Atrás do pensamento**: a filosofia de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- SILVA, C. B. M. Inferno simbólico ou Macabéa. In: SILVA, C. B. M. **Pequeno grande mundo**: Literatura em crise de autoridade. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.
- SOUZA, E.M. **Tempo de pós-crítica**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1995.